



www.observatoriodacritica.com.br

Entrevista de Luiz Costa Lima

Verbo21: cultura e literatura, quinta, 18 de junho de 2009

Disponível em:

http://www.verbo21.com.br/v1/index.php?option=com_content&view=article&id=455:l Luiz-costa-lima&catid=149:entrevista-junho2009&Itemid=146. Acesso em: 1 out 2010.

Entrevista concedida a Lima Trindade e Sandro Ornellas

LUIZ COSTA LIMA nasceu em São Luís do Maranhão, em 1937. É professor do Instituto de Letras da UERJ e do Departamento de História da PUC-RJ. Escreveu mais de vinte livros dedicados à teoria e à crítica literária. Em 2007 foi agraciado com o prêmio Jabuti por História. Ficção. Literatura (Cia das Letras, 2006). Seu mais recente trabalho é Controle do Imaginário & a Afirmação do Romance (Cia das Letras, 2009), onde analisa com brilhantismo obras exemplares como Dom Quixote, Moll Flanders e Tristram Shandy.

LIMA TRINDADE - Podemos considerar este seu novo livro, *O Controle do Imaginário & a Afirmação do Romance*, uma continuação ou um suplemento da Trilogia do Controle?

LUIZ COSTA LIMA - Uma coisa e outra. É um suplemento porque supõe o trabalho empírico realizado na Trilogia, dedicando-se a 1ª parte do novo livro, a partir do exame do Renascimento florentino, a teorizar a propósito do fenômeno do controle do imaginário, mas também uma continuação, sobretudo porque o exame dos romances que considero exemplares, publicados entre os séculos XVII e XVIII, está sendo feito aqui pela primeira vez.

SANDRO ORNELLAS - Nele, o senhor se detém num período que vai do Renascimento ao século XVIII. Como avalia a grande onda de estudos sobre a literatura e a cultura contemporânea?

LCL - Dizer que me detenho no período entre o Renascimento italiano e o século XVIII poderia dar a entender que faço uma apresentação histórica condensada. Não é bem isso, senão que destaco, neste contexto temporal, como se nota, com precisão, a presença e as mudanças pelas quais passa o controle, entre as cida-

des italianas, a Espanha contra-reformista e a França dos derrotados pelo absolutismo.

LT - Pensando no caso da Literatura Brasileira, já existem alguns estudos que apontam para uma cooptação da nossa intelligentsia no Modernismo, não? O senhor concorda que seja assim? Ou o controle do imaginário, aqui, apresentou suas zonas de escape?

LCL - É verdade que o controle tenta uma cooptação da intelligentsia. Dela, tampouco escapou nosso modernismo. Mas, se não confundimos controle com censura – que é a interdição do que não se conseguiu controlar – é interessante verificar como o controle aqui se exerce. Não trato, porém, do Brasil no livro recém-lançado.

LT - Tem opinião formada sobre a polêmica causada pelo filósofo Peter Sloterdijk, que afirmou, em Regras para o Parque Humano, que a Literatura servia para a utopia da domesticação do ser humano e, frente às novas tecnologias de massa, este projeto humanista falhou inteiramente?

LCL - Conheço e aprecio de Sloterdijk apenas sua *Crítica da Razão Cínica*. Minha resposta é, pois, dependente de sua formulação. Que a literatura – as artes em geral – era sujeita a contribuir para a domesticação da sociedade a que se dirigia é um corolário do controle do imaginário. Que essa domesticação fazia parte de uma utopia, parece-me uma formulação estranha – uma utopia domesticadora? (nota do entrevistador: tal qual *A República*, de Platão) Assim formularia de outro modo a relação da literatura com as novas tecnologias de massa: que a literatura perde em penetração social, não há como duvidar. O mais interessante me parece suceder com a questão do controle. Menos pela concorrência da tecnologia de massa do que pelo serviço que ela presta a uma sociedade cujos valores se reduzem ao valor específico ao mercado – isto é, ao valor do lucro financeiro – o controle assume uma nova feição: deixa de se basear em valores ético-religiosos ou científicos para se caracterizar pela neutralização estética. Ou seja, para o mercado pouco importa que a obra literária provoque uma experiência específica, a experiência estética, e que para tanto ela se mostre de pé atrás contra os valores vigentes, desde que, e aqui se mostra o que significa neutralização estética, seja um produto vendável, o quanto possível de alta vendagem.

SO - Como entende o boom dos relatos de testemunhos e, anteriormente, biográficos, no contexto contemporâneo do controle do imaginário?

LCL - Entre nós e na América Latina, em geral, a ênfase no testemunho apenas estende o valor dado ao documento – primeiro

sinal da efetividade do controle, nos tempos modernos. (Isso, contudo, não significa dizer que o testemunho seja sempre um sinal controlador. Há situações críticas que eticamente impedem a ficcionalização – exemplo: o Holocausto. Quanto à ênfase biográfica, vejo uma outra razão: durante o século XIX, sua importância estava ligada ao chamado princípio “vida e obra”. Princípio determinista que supunha que, conhecida a vida de um autor, poderíamos compreender melhor sua obra. Descartado esse determinismo tolo e, por outro lado, dado o desaparecimento do indivíduo no meio do que Adorno chamava de “sociedade administrada”, a curiosidade pela biografia o é pela feitura de uma vida, de algum modo singular, sem necessariamente então se supor que ela “explica” a obra produzida. Em suma, se afastamos o tradicionalíssimo “vida e obra”, vejo a onda das biografias como algo positivo.

S0 - E a poesia? De que modo enxerga o papel do controle do imaginário perante ela?

LCL - É curioso. A poesia tem gozado desde a antiguidade de um enorme prestígio. (Não me refiro à épica, porque seu prestígio é óbvio, mas sim à lírica). Esse prestígio da lírica se associava à suspeita de que ela pouco tratava do que ia além da órbita individual. Por isso, a não ser quando a lírica infringia preceitos éticos ou religiosos, ela gozava de maior liberdade. Não vamos desenvolver uma história de suas relações com o controle! Baste-nos chamar a atenção com o que se passa hoje: a lírica é contemporaneamente o gênero literário de menor circulação, de menor público, portanto. Por isso ela sofre mais diretamente as consequências do que chamei na resposta à pergunta 4 de neutralização estética.

S0 - As novas tecnologias contemporâneas podem levar a literatura a desenvolver estratégias para enganar o controle ou a reforçá-lo?

LCL - A reforçá-lo, é mais evidente que sim. Ao longo da história, verifica-se que não de agora a “contribuição” de literati às agências de controle. A enganá-lo, é menos frequente, mas também possível. Chamaria neste sentido atenção para Philip Roth e o sul-africano J. M. Coetzee. Entre nós, destaco o que tem feito sobretudo Milton Hatoum, com sua visão não “regionalista” de Manaus e nada ratificadora da concepção que temos de nossa história brasileira.

S0 - Seria possível pensar uma sociedade em que a imaginação ocupasse um papel importante sem a pressão de algum tipo de controle?

LCL - Gostaria de acreditar que sim. Mas acho impossível ao menos em termos de como o nosso Ocidente se tem constituído. Talvez mesmo o controle do imaginário seja uma das marcas da falência humana. Mas detesto afirmações peremptórias, A área que histórica e culturalmente conheço é muito pequena para uma resposta absoluta, isto é, válida para todas as sociedades humanas.

LT - Há lugar para a crítica especializada fora da Universidade? Existe também um controle da crítica no âmbito acadêmico brasileiro? Se sim, como ele opera?

LCL - Deveria haver esse lugar na Universidade. Na brasileira, esse lugar é escasso – menos por questões de controle do que pela formação que tem a grande maioria de nosso corpo docente. Em vez, pois, de controle, diria que, no âmbito acadêmico vigoram dois males que não se confundem com o do controle: 1. O fato de que os professores de literatura pouco se indaguem sobre a natureza de seu próprio objeto ou que se contentem com soluções fáceis e insatisfatórias; 2. Por a formação em letras, entre nós, não ter acompanhado as mudanças profundas na própria concepção de literatura que o Ocidente conheceu, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970. Não digo que essas mudanças sejam, em sua maioria, aceitáveis, senão que deveriam ser conhecidas e discutidas. Em vez disso, continua-se a pensar o estudo da literatura ancorado na indagação histórica. Falta, em suma, lastro teórico. Por isso a própria idéia de controle do imaginário parecerá a muitos de meus colegas coisa de sociólogo ou de filósofo... Quanto a haver um lugar para a crítica especializada fora da Universidade, ah bom, nem pensar.

LT - Qual o status da crítica literária hoje na formação de escritores e leitores?

LCL - Quanto aos leitores, é proporcional à própria presença da literatura. Como essa é pequena, também pequeno é o interesse pela chamada crítica literária. Quanto aos escritores, é um velho problema. Tem sido minoritária a existência de escritores que se preocupam com problemas crítico-teóricos. Se ela era evidente em um Dante, se torna progressivamente cada vez menos frequente. No século XVIII, temos as exceções notáveis de Schiller e Goethe. No século XIX, as exceções de Henry James, na Inglaterra, de Mallarmé e de Valéry na França. Não devemos esquecer, no Brasil, do fenômeno, quase inexplicável, de Machado e, contemporaneamente, do saudoso Haroldo de Campos, notável como poeta, tradutor e ensaísta. Antes de Haroldo, foram também excepcionais os casos de João Cabral – cuja produção crítica é de primeiro nível, embora muito escassa – e de Sebastião Uchoa Leite, tão notável como poeta quanto por sua intuição teórica e sua percepção crítica. Mas quem conhece a obra de Sebastião Uchoa?